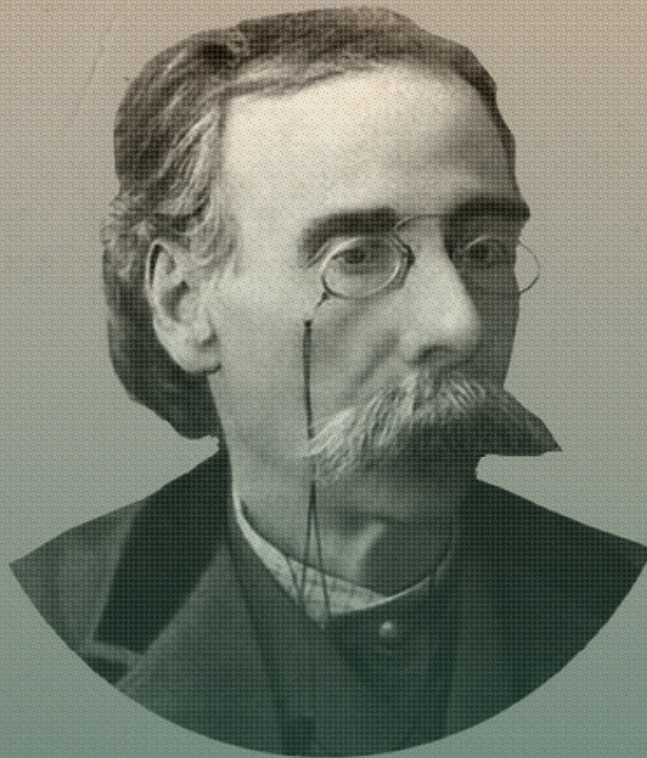


Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Camilo Castelo Branco
A caveira
Conto



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Camilo Castelo Branco

A caveira

Conto

Adaptação ortográfica e revisão gráfica
Iba Mendes

Publicado originalmente em 1862. In: "Cenas Contemporâneas"

Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco
(1825 – 1890)

"Projeto Livro Livre"

Livro 671



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2015
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras em domínio público, como este conto do escritor português Camilo Castelo Branco: “A caveira”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com
www.poeteiro.com

A CAVEIRA



PRÓLOGO

Quem disser que em Trás-os-Montes não há romances, é capaz de dizer que a lua não tem habitantes, e as alfandegas ratos.

A província de Trás-os-Montes é um sertão desconhecido, um retalho de Portugal segregado da civilização; mas não deixa por isso de ter uma crônica de tradições bárbaras, que virá arquivar-se em folhetins, quando os caminhos de ferro, construídos pelos capitalistas da Ovelhinha, aproximarem o contato das inteligências com as florestas virgens daquela região polar.

Esse dia amanhecerá bem cedo. A aurora da civilização madrugou para todos. A viabilidade discute-se à lareira. Mais de um juiz das almas se extasia nas vastas teorias do caminho de ferro. O regedor de paróquia rural, auxiliado pelo cura, apostolizam no adro, aos domingos, a teoria do aumento do salário pela facilidade dos transportes. Há lavradores que adicionaram à leitura do Borda d'Água as preleções escritas de economia política do sr. dr. Carneiro. Alguns esperam concorrer ao mercado de Sevilha com cereais e repolhos nas próximas colheitas. O entusiasmo é universal. A expansão fervente dos interesses materiais, a febre eloquente da viabilidade, os traços profundos e rasgados, com que as inteligências financeiras fixam categoricamente o dia supremo da nossa prosperidade, não são já um exclusivo da mocidade jornalística.

O meu colega Ricardo Guimarães, que salta de noite em cuecas, fora da cama, sonhando-se impelido por um wagon, doudeja de júbilo ao ver-se compreendido, no seu ardente apostolado, desde Monção até ao Cabo da Roca. Lateja-lhe o entusiasmo nas bossas frontais, cada vez que o alvião do operário rasga no seio da terra o túmulo do carroção ignóbil! (Isto era escrito em 1853...)

A mocidade é assim. A força criadora do talento há de suprir a debilidade do tesouro. Onde os capitalistas não chegaram, irá o artigo de fundo, palpitante de vida, como um ouragan invencível, desaterrar a aterrar com as forças magnéticas do gênio, com a magia imperiosa dos períodos arredondados artisticamente.

E, por tanto, a província de Trás-os-Montes vai ser aquecida pelas irradiações do foco civilizador. Um dia, os povos do Marão, agrupados nas cristas das serranias, verão lá em baixo passar o traço negro do carril; e cuidarão que um demônio, na

cauda de um raio, lhe talou as campinas, no dia tremendo das vinganças do Senhor!

Mais tarde, os pávidos moradores da Campeam, ilustrados pela leitura repentina, e pelos artigos de fundo, virão, de socos e coroça, nas azas do carril, aplaudir os cavalinhos, saborear um ponche no Guichard, e influir seriamente no futuro da empresa lírica.

Então, sim! Mondroens, Vilarinho de Cotas, e Canelas terão uma associação industrial, uma caixa filial, um gabinete de leitura, e um centro promotor das classes laboriosas. O cavador, na hora da sesta lerá, na vinha, de barriga ao ar, o *Times*, e Benjamin Constant. O proprietário, entregue às subtilezas econômicas, que distinguem o cabedal da renda, andará em guerra literária com o seu vizinho da aldeia próxima, por causa de uma falsa interpretação aos sofismas de Bastiat. Nesse dia, serão banidos os estúpidos da face da terra. O proletariado, filho da estupidez, não virá coberto de farrapos pedir um bocado de pão, no banquete social, por conta do futuro fomento. Pouco há de viver quem não vir tudo isto.

Será então chegado o momento solene de pedir à província do norte a história do seu passado. Serão exploradas então as minas de poesia, entulhadas pelo obscurantismo de longos séculos. Acontecerá muitas vezes encontrar-se um soco onde se esperava um borzeguim de castelã. O leitor pedirá uma heroica luta de dous infanções armados da fidalga espada, e verá duas fouces roçadouras decidirem um pleito de apaixonado melindre.

Mas não será em tudo assim a crônica obscura da província, onde vivi alguns anos, e em poucos dias colhi apontamentos para longos trabalhos de muito proveito estético, plástico, artístico, e não sei mesmo se cúbico, anômalo, e híbrido.

A história, que vou contar, com inocentíssima lealdade, pode ser confirmada ainda por duas ou três testemunhas, que, pelo menos, viviam, há cinco anos. Falo assim com orgulhosa autoridade, porque tenho direito a ser acreditado em romances, que tem a honra de assentarem numa sincera base.

A mentira no romance é uma nodoa, que nauseia o público ilustrado. Alexandre Dumas, escrevendo um romance intitulado *Martim de Freitas*, obrigou este herói a desembarcar em Mafra, nomeou-o alcaide do castelo da Horta, e fez nascer D. Sancho II na Palestina, onde foi batizado por um tal monsieur de Évora, arcebispo de Leiria! É uma cornucópia de asneiras este literato, falando de Portugal.

O público tem direitos sagrados, e é realmente ultrajar-lhos, querê-lo capacitar

de que Mafra é um porto de mar, e Leiria uma cidade arquiépiscopal, e monsieur de Évora cidadão português.

Compreenda-se a missão do romancista. O romance, a viabilidade, e o fluido transmutativo são a tripeça em que está sentada a civilização. Quebrar-lhe um dos pés é dar com ela em terra.

I

Morreu, há seis anos, em Vila Real, um velho de oitenta e oito anos. Chamava-se D. João de Noronha, e habitava uma casa pequena, mas decorada de grande brasão de armas, e não sei quantas ameias modeladas pelos pilares das açoteas mouriscas. O leitor, que, por louvável curiosidade, quiser, de perto, capacitar-se da fidelidade arquitetônica desta casa, vá a Vila Real, e na *rua do Cabo da Vila*, pergunte pela casa de D. João de Noronha. Não terá de que maravilhar-se, a não ser da sisuda gravidade, e rigorosa certeza com que o autor lhe conta histórias interessantíssimas.

Algumas palavras a respeito deste D. João de Noronha.

O *dom* é quase sempre, entre portugueses, indicação de fidalguia remota; mas em D. João de Noronha era uma irrisão para o povo, e uma ignomínia afrontosa aos fidalgos da terra. E a razão é esta:

Há cento e vinte anos que viveu em Vila Real uma senhora D. Paula Coronel e Noronha, protetora de um tal Antônio da Silva, sapateiro da casa.

Este homem era desordeiro e valentão. Em rixas com um freguês por causa de umas tombas, matou-o desastrosamente. A justiça apanhou-o, e condenou-o a pena última.

D. Paula exaurira os grandes recursos da sua influência, sem conseguir salvar da forca o seu afilhado. Avaliem-se, porém, os extremos de D. Paula pelo condenado, e atenda-se à época em que os grandiosos esforços de uma fidalga são ansiosamente empenhados na salvação de um arrastado verme da plebe.

D. Paula, em último recurso, declara que o sapateiro é filho bastardo de seu irmão, e como tal o perfilha. Desde que esta adoção foi consignada no livro dos alvarás de perfilhamentos, Antônio Coronel de Noronha está salvo da forca. O processo atravessa novos tramites; e a lei, esmagada sob o reboło transformado em pedra d'armas condena o réu a cinco anos de degredo para Castro-Marim.

O nobre exilado, um ano depois, morreu de uma indigestão de figos do Algarve;

e, honra lhe seja feita, à hora da morte, declarou que vivera sapateiro e cristão, e como sapateiro pedia perdão aos homens, e como cristão a Deus porque muito queria salvar-se.

Seu irmão Francisco, mestre ferreiro, morreu ferreiro, porque não quis partilhar das honras heráldicas de seu irmão, que, pelos modos, não eram muito lisonjeiras para a memória de sua mãe.

Este ferreiro deixou um filho, chamado João, e uma fortuna avultada, adquirida na bigorna.

João, órfão aos quinze anos, quis ordenar-se; mas o amor tolheu-lhe as vocações ardentes do sacerdócio.

Por aqueles tempos a sociedade estava retalhada em classes. João da Silva invejava o acaso de um nascimento, e desesperava-se na impotência de associar-se dous apelidos eufônicos, que o guindassem à região dos homens superiores em raça aos outros homens, como o onagro de Sevilha superior em raça ao onagro de Cacilhas.

Zombavam cruelmente dele, quando lhe disseram que se encabeçasse na linhagem, embora bastarda, de seu tio, que morrera legalmente inscrito no livro dos costados a folhas 1473.

João da Silva foi conscienciosamente fidalgo desde esse instante. Tirou uma certidão, hipotecou metade da sua fortuna ao foro, e conseguiu-o. Não diremos ao certo quem foi o concussionário daqueles tempos, que lhe recebeu os dous mil cruzados do pergaminho. As urgências do estado de hoje eram literalmente as urgências do estômago dos chanceleres mores do reino.

A fidalguia protestou silenciosa contra tão grave injúria. Fechou os seus salões ao adepto insolente, que ousara assinar-se D. João de Noronha, e mandara insculpir na fachada de uma casa ameçada as armas dos Noronhas, É tradição em Vila Real que os Pintos Coelhos, representados hoje por José Antônio Teixeira Coelho de Melo Pinto da Mesquita, mandaram borrifar de sangue as armas de D. João de Noronha. Nada fez recuar o propósito do filho do ferreiro. Os tempos correram, mas os ódios ao pobre homem não se extinguiram. Digno destes tempos, D. João, seria hoje afavelmente recebido pela velha nobreza, com tanto que as diferenças no azul do sangue fossem saldadas com o amarelo do ouro.

Conheci este homem, e tratei-o muito de perto. Era eu bem criança, e respeitava as loucuras daquele velho, com a mais sisuda tolerância. Quando o vi, aos oitenta e seis anos, casar-se com uma donzela (oitava maravilha!) de

oitenta e nove, cingi-me com aquele par conjugal, e quis ouvir-lhe os colóquios amorosos, as expansões delirantes, as ternuras idealíssimas. Não pude; e o leitor perdeu muito com isso, que eu não era homem de privar de um capítulo precioso a *Fisiologia do Casamento* de Balzac.

O vento das tempestades da vida impeliu-me de Vila Real para outra linha no mapa-múndi das minhas observações; e o meu caro D. João morreu poucos dias depois de sua mulher, e é de crer que, abraçados em frenética paixão, renascessem, viçosos e frescos como Paulo e Virgínia, em mundos novos, e novas constelações. Assim seja!

Como vinha dizendo, leitor atencioso, quando eu tive a honra de ser admitido ao trato íntimo de D. João de Noronha, reparei numa caveira, contida em uma redoma de vidro, com pedestal de pau preto, enviezado de arabescos de marfim.

Esta redoma pousava em uma mesa torneada em bilros de custoso lavor. Reparei, outrossim, que em certo dia do ano um véu fúnebre cobria aquela redoma. Este dia era quinta feira santa. Não concebi que relação pudesse existir entre aquela caveira e a paixão de Jesus Cristo não ousava, porém, interrogar-lhe o profundo mistério.

Entrava eu uma vez, sem fazer-me anunciar, na sala da redoma, e encontrei D. João ajoelhado com austero fervor na presença da caveira. Voltou-se de repente sentindo-me os passos, e eu não pude recuar sem ser conhecido. Vi-lhe lágrimas; eram majestosas, e eu juro que muitos dos meus leitores de coração petrificado chorariam, se vissem a sincera angústia daquele rosto venerando.

— Venha cá — me disse ele — que eu não tenho vergonha de chorar; Choraram-se na decrepitude os risos da mocidade. Entra-se no túmulo a chorar como se entra na vida.

Vi-me embaraçado em responder-lhe. Eu não tinha aprendido estas palavras artificiosas, com que fingimos um quinhão de sentimento impostor. Então senti e chorei. Hoje... eu sei cá! faria uma nênia em prosa de muita melodia, e citara-lhe não sei quantos velhos, que a história diz que choraram desde Belisário até ao abade de Chateneuf.

— Sente-se aqui ao pé desta relíquia — prosseguiu o consternado ancião. — Devo-lhe um lavor muito delicado: nunca o senhor me perguntou o segredo deste crânio. Eu gosto de quem respeita a dor alheia. Quero pagar-lhe essa fineza invocando do túmulo do meu coração o mistério, que aqui está sepultado há sessenta anos. Se eu me calar, no correr da minha história, respeite o meu silêncio... É que não poderei... Talvez possa... O coração... dizem que manda aos

lábios muito do seu fel, quando os lábios lhe pedem as amarguradas reminiscências de uma grande desgraça... Será assim? Eu não sei... vê-lo-emos.

Ora atenda-me, meu amigo. A inocência deve alegrar-se com a história, onde figura um anjo. Hei de falar-lhe de Lúcifer também... Seja o anjo para o recreio; e o Lúcifer para a experiência... Um velho é um livro. Eu vou abrir-me... quero dar-lhe a leitura de minha alma, hoje, que, amanhã, talvez a pedra rasa de uma sepultura nem ao menos lhe diga que eu durmo ali o suspirado sono do infeliz...

II

D. João de Noronha, sentado de modo que encostava o cotovelo à mesa da redoma, principiou a história do seu segredo, em tom de profunda comoção:

“Tinha eu vinte anos... Há que tempo isto vai!... Há sessenta e oito anos que eu estudava latim no convento de S. Francisco. Era minha tenção ordenar-me. Meu pai granjeara-me uma fortuna, que me estimulou ambições de subir na posição social. Quis ser padre, e era-o, se nascesse na igreja luterana, onde o padre não sofre a cruelíssima amputação da vida da alma, em comércio com o mundo.

Quando encontrei uma mulher, que me imprimiu nos sonhos a sua imagem, perdi o império da vontade, e as fervorosas vocações do sacerdócio. Adorei uma dessas belas mulheres, que trazem consigo uma sina de desgraças, um contágio de desastres, e a perpetuidade de uma chaga, aberta no coração com um ferro em brasa.

Esta mulher, por quem me fizera nobre, por quem me sentira ambicioso de um fausto, que a sociedade me ultrajou com justos motivos, por quem, finalmente, me fizera estúpido... atraçou-me.

No meu tempo o amor era uma coroa de espinhos. Então apaixonava-se um homem, e sentia-se perdido para a sua liberdade, e escravo de uma angústia interminável. Eu, por mim, senti-me ultrajado por uma traição incrível, e não pude, ainda assim, estalar as algemas ignóbeis que me prendiam à desonra de um abandono injustificável.

Ajoelhei aos pés de Marta. Pedi-lhe a pouca ventura que me roubara cruelmente... pedi-lhe a dignidade do homem que por ela se desprezara... encontrei-a morta para mim, e vencida por uma paixão, que devia matá-la! Tive então dó daquela flor, que se desfolhava na madrugada da sua primavera? O meu amor era grande e generoso! Pedi-lhe que fosse minha irmã, minha amiga... Nem isso!... nem se quer me aceitou um conselho de pai na hora em que mais precisa lhe fosse uma proteção que a salvasse da desonra, a que se

tinha cegamente abandonado.

Eu valia menos que Pedro de Mesquita.

Este homem era oficial de cavalaria. Nascera ilustre; conquistara-se uma opinião de herói; batera-se ardidamente como um leão nas últimas batalhas. Era aqui apontado em Vila Real; como o primeiro homem nos triunfos difíceis do amor.

E não o lisonjeavam! O homem, que obrigara Marta a desprezar-me, devia ser tudo isso.

Era muito linda esta mulher! Diziam-no as emulações, os ódios, e as intrigas, que a sua formosura causara entre pretendentes, que não queriam ceder a prioridade do mérito a nenhum.

Um dos mais poderosos era Heitor Corrêa, cadete de cavalaria e filho segundo de uma nobre casa desta vila, que não tenho necessidade de mencionar-lhe.

Não obstante Heitor Corrêa era repellido, porque Pedro de Mesquita não tinha concessões a esperar para ser mais amado que outro qualquer.

Marta arrancara, como Luzia, os belos olhos, se assim pudesse afastar de si os perseguidores que a tornavam suspeita ao homem que tão caro devia ser-lhe. E era.

Estes dous homens odiavam-se rancorosamente, e procuravam à porfia um ensejo em que pudessem travar as espadas. Corrêa confiava demasiado em si. Mesquita sobejava-lhe a certeza de superar o débil adversário.

O momento ambicionado chegou.

Era quinta feira santa.

Marta assistia ao ofício da paixão na igreja de S. Francisco.

Heitor Corrêa antecipara-se a ocupar o mais próximo, lugar de Marta. Pedro de Mesquita viera depois, e mordera colericamente o beijo inferior. Marta tremeu e chorou. Quis sair; não a deixaram as multidões espessas. Heitor Corrêa compreendeu-a, e indignou-se. Era muito desprezo para a altivez do seu carácter.

Terminara o ofício. O povo evacuou o templo. Marta sumiu-se nas turbas. Dous homens apenas, como duas estátuas, se fixavam sós, e imóveis, na nave da igreja.

Saíram, simultaneamente. Encontraram-se no adro. Trocaram poucas e rápidas palavras, e desembainharam os fains.

Pedro de Mesquita ostentava no rosto a superioridade de mestre. Heitor chamejava a cólera, a vingança, o capricho, e por ventura o desejo de matar, ou morrer.

Esta cena passava-se na presença de mil pessoas. As beatas benziam-se horrorizadas; e os mancebos estorciam-se no frenesi de espedaçarem o forasteiro Mesquita, cuja superioridade sobre o seu patrício era indubitável, e perigosa.

Perigosa, não; porque o valente era generoso. Heitor não tinha já um botão na farda, quando Pedro de Mesquita, desprezando demasiadamente a defesa, se sentiu ferido ligeiramente no braço esquerdo.

A cena tornou-se cruel! O orgulhoso não podia conciliar com aquele sangue a sua generosidade. Heitor foi mortalmente ferido, e caiu banhado em sangue. Alguém correu sobre Mesquita, gritando contra o assassino. Mesquita esperou com bravura! Não houve mão que lhe tocasse.

III

Heitor Corrêa, reanimado pelos alentos da desesperação, ergueu-se, e esgrimiu ainda o florete com braço impotente. Mesquita, ferido num braço, afastou-lhe os botes, com admirável presença de espírito.

O duelo em Vila Real era uma cousa nova. O fato, em um dia tal, redobrava de escândalo. Não se atravessavam as multidões espessas, que reprovavam ruidosamente um tamanho desacato. A causa do seu espanto não era a moral ultrajada, nem a perda voluntária da vida. Dava-se como razão suprema de tal algazarra estar exposto o Santíssimo Sacramento, quando dous homens se cortavam a ferro frio.

As autoridades, cômicas do acontecimento, deram ordens imediatas de captura. Estas ordens não podiam ser cumpridas por meirinhos; e não houve desgraçadamente autoridade militar que capturasse os duelistas.

Heitor Corrêa, exausto de forças, perdidas no sangue, que os recursos da cirurgia não estancara, desmaiou, e deu sintomas de morto. O alferes de cavalaria, ligeiramente ferido no braço, curava-se numa botica, afetando um ar de placidez que indignava as turbas, tumultuosas na rua. Dentre elas saíam gritos terríveis de “morra!” Os que assim gritavam diziam que estava exposto o

Santíssimo Sacramento; e, por tanto, não podiam deixar de matar o ímpio que desacatara, em quinta feira santa, a solenidade da paixão de Cristo. Como eles saciavam a sede de sangue com o fervor beatifico das suas crenças, explicam-nos milhares de fatos semelhantes que acompanham sempre a edificante história dos muito austeros autores da integridade religiosa, tanto em Roma, como em Constantinopla.

Fernando Corrêa, irmão de Heitor, estava à janela quando viu entrar seu irmão nos braços de dous soldados. Desceu ao átrio, e interrogou o fato. Contaram-lhe, com as mais irritantes circunstâncias, o acontecimento.

Fernando, sem atender a súplicas da família, e de amigos prudentes, saiu de casa, tal qual estava, embrulhado num capote. Mas, debaixo deste capote, levava um bacamarte.

Quando chegou à entrada da *rua do Jogo da Bola*, viu um grupo de povo, que parecia vedar a saída de uma botica. Lá dentro estava Pedro de Mesquita, a quem faltara a coragem para afrontar a força bruta da população.

Em frente dessa botica morava a infeliz Marta, a atribulada amante daquele homem, que ali estava ameaçado das iras da plebe, tigre desenfreado da licença, naqueles dias de escravidão, logo que um acaso lhe alargasse um pouco as algemas.

Fernando Corrêa abriu uma clareira entre a multidão. Descobriram-se todos, exclamando: “Chega o fidalgo! deixem passar o fidalgo.”

E o fidalgo entrou, perguntando quem era o assassino de seu irmão.

— Assassino... não!... — respondeu o alferes. — Fui eu quem o feriu, e honro-me de ser ferido pelo cavalheiro com quem me bati.

Fernando Corrêa, estúpido como fatalmente são os que podem contar muitos avós robustos de músculos, e nenhum de vigor intelectual, não compreendeu a delicadeza daquela resposta. O que ele praticou é um ato de barbaridade, que envergonha a espécie humana. Recuou um passo atrás, aperrou o bacamarte, e despejou-lho, à queima roupa, no peito.

Foi horrível, senhor! Foi esse um lance, que eu tenho aqui diante de meus olhos, noite e dia, porque nesse instante ouvi um grito de arrepiar as carnes. Era Marta que caía, com a face na laje da janela, fulminada pela angústia mais atroz, e mais inconcebível dos tormentos possíveis nesta vida.

Voltaram-se todos para aquela janela, e viram-me... a mim, que subira, alentado

pela coragem da minha dor, as escadas daquela casa, e levantara da janela a pobre menina que julguei morta. Olhei em redor de mim... não vi ninguém, exceto uma criada que chorava, perplexa, sem atinar com o que devia fazer. A família, a essa hora, na igreja da *Misericórdia*, orava, talvez, à Virgem protetora das virgens...

Fernando, consumado o assassinio, saiu galhardamente por entre as turbas que saudavam o nobre algoz. A paralisia do terror gelara os poucos que lhe reprovavam a infâmia. Ninguém ousou, sequer, lembrar-lhe que aquele sangue lhe tingia os pergaminhos!

O nobre amante de Marta foi conduzido ao quartel. O seu último lance de olhos nesta vida, viram-no todos fixar-se na janela da infeliz. Depois... fechou-os, e fechou-os para sempre.

Passada uma hora, Fernando Corrêa, montado numa possante mula, e seguido de um criado, e dous bacamartes, passava em *Almodena*, caminho de Lisboa. E, para que esta circunstância me não esqueça, dir-lhe-ei que, um mês depois, o assassino, impune pelo privilégio dos seus pergaminhos, entrava em Vila Real, com um alvará de real mercê que o isentava de responder pela morte de Pedro de Mesquita.

O povo, desde esse dia, vergava respeitosamente a cabeça ao fidalgo, que passava soberbo por entre aqueles que lhe liam na face a altivez do assassino, que zombara da lei.

Heitor Corrêa... esse foi enterrado no mesmo dia em que os sinos dobraram por alma de Pedro de Mesquita.

IV

É necessário falarmos de Marta... É a luz única deste quadro negro... Nem a história valia a pena de ser ouvida, se não tivesse um heroísmo de virtude para a admiração, e uma santa para o culto das almas nobres, e apaixonadas pelo sublime do martírio.

Por ventura, pode o senhor compreender a situação de um homem, que tem desmaiada nos braços aquela por quem fora atraído...? Não é bastante compreender isto: é necessário compenetrar-se mais da minha situação...

Marta iludira-me... ou iludira-se; Marta desprezara-me com cinismo indigno da sua idade; Marta escarnecera as loucuras que me sacrificaram a ela; Marta desmaiara, adivinhando a morte do meu rival... Compreende por ventura agora

o tormento indefinível da minha situação?... Não compreende, porque se eu lhe disser que naquele trance original o meu sentimento era a piedade... se eu lhe disser que dera a minha vida pela do rival assassinado, com tanto que Marta não fosse assim desgraçada... o senhor, por certo, não concebe este fenômeno, este sacrifício... esta monstruosidade de resignação... Quem sabe!... a sociedade capitular-me-ia de imbecil, e o meu amigo, por muito favor, concedera-me a celebridade dos tolos inofensivos, não é assim?"

Não lhe respondi; mas aqui me puno, confessando que D. João me adivinhara. Corei, de certo, quando fui surpreendido no segredo dos meus juízos. Nada menos lisonjeiro que o meu silêncio para o pobre velho! Era de certo um pungente assentimento à sua conjectura! A dor é generosa, e cala as afrontas. Reconheço hoje que ultrajei aquele grande sacrifício, que compreendo agora. Se não receasse mesclar com a gravidade melancólica desta narrativa um anexim popular e graciosamente filosófico, diria que o diabo não quis nada com rapazes, e D. João de Noronha, de certo, não era mais privilegiado que Lúcifer para tirar de mim melhor partido.

D. João prosseguiu:

"A família de Marta veio encontrar-me, com ela nos braços. A mãe, que profetizara, em seus virtuosos pressentimentos, a desgraça da filha, apertou-a contra o seio, cobriu-a de lágrimas, e acordou-a daquele letargo, com aflitivos gemidos.

Marta abriu os olhos; mas nunca mais descerrou os lábios. Esperávamos ansiosos que a sua angústia respirasse pelas lágrimas. Não chorou uma só. Em quanto os sinos dobravam a finados pela alma dos dous amantes, Marta estremecia, mas não posso dizer-lhe como era aquele tremor... A corda de um instrumento ferida, e deixada ao impulso da vibração estremece assim.

No fim de três dias extinguiu-se o sofrimento, por que a vimos pender serenamente a cabeça nos braços de sua mãe. Felicitamos-nos pelo repouso da infeliz. Imaginamos que ela devia acordar mais tranquila, ou, pelo menos, mais desabafada daquela agonia que lhe sufocava não só os gemidos, mas até a respiração. Esperamos... mas quem não esperava era o médico, que, ao retirar-se, deixou dito que não era Cristo para restituir a filha à viúva de Nahim.

Estava morta, por tanto... e morta sem balbuciar uma palavra! Como se morre assim? Dizem que a morte é a aniquilação da matéria... mas aquele anjo morreu dentro em si, antes que os sintomas da destruição nos revelassem o rápido dilacerar daquela morte! Quem dirá que aquela mulher sofreu no corpo? Ninguém! A alma, só a alma, este ser imortal que foge do mundo, onde a vida do amor lhe falta; a alma, reconcentrada no seu mistério de dores

inconcebíveis, relutando por estalar as algemas que a prendem ao cavalete do corpo... a alma, e só a alma, meu amigo, consumou aquele trance de desconfortável inferno, e passou ao mundo da penitência ou da glória...

Agora principia a minha cena nesta tragédia... É só minha, e só eu a compreendo... mas hei de contar-lha. Acompanhei à igreja de S. Francisco o cadáver de Marta. Fui o último que se retirou de ao pé da sepultura; e fui o primeiro que todos os dias, em três anos sucessivos, lhe ajoelhou na pedra que eu não queria fosse a nossa eterna separação.

Empreguei os meios para obrigar o coveiro a não tocar naquela sepultura durante três anos.

Findo este prazo, venci com dinheiro a repugnância do coveiro, e a pedra que cobria os ossos de Marta foi levantada.

Era meia noite, e perpassavam em redor de mim as larvas do terror, agitadas pelo lampear trêmulo das lâmpadas, suspensas no altar do Santíssimo Sacramento.

O coveiro, afeito a lidar com os mortos, tremia, e largava maquinalmente a enxada com que afastava as camadas da terra.

Não posso dizer-lhe até que ponto fui enganado pelas larvas que a desvairada fantasia, ou a misteriosa realidade revocou em volta de mim... Estou quase jurando-lhe que a vi... a ela... como nos dias da sua esplendida formosura iluminada pelo resplendor da sua inocência, purpureada do pejo com que a candura se rende ao império dos instintos... Era ela, quando, nos primeiros tempos da nossa infância, me oferecia de seu coração a parte que não podia dar a sua mãe, e a seus irmãos... Era ela, quando me perguntava o segredo daquela atração irresistível, que a arrastava para mim, que a entristecia sem motivo, que a fazia ambicionar uma riqueza imaginária, que a fazia sonhar umas delícias que sua mãe lhe não explicava nem realizava com os seus carinhos... Foi assim que eu a vi, em quanto o eco da enxada, que feria o seio da sepultura, reboava nas naves da igreja... Gelava-se-me de terror o pensamento... a fantasia esfriava-se ao roçar pela mortalha daqueles ossos, e eu sentia-me morto em metade da vida, quando a terra sacudida da enxada me vinha cair aos pés.

E depois... as larvas, que a razão não podia espavorir, tornavam a cingir-se com os pilares da nave, a pendurar-se nas grades do coro, a tremularem por entre os cortinados dos altares, e a esvoaçarem na abóbada do templo como nuvens escuras, espedaçadas pela tempestade.

Erguera-se do túmulo para ajoelhar, a meus pés... tinha a face lacerada pelos

vermes. E era bela ainda... Devo ser sincero, meu amigo... É impossível que a imaginação me mentisse... Ouvi-lhe a sua voz... senti o frio das suas mãos... ergui-a de meus pés... perdoei-lhe... chorei com ela...

A voz de um homem chamou a minha alma à realidade acerba daquela cena, que se me figurava um sacrilégio, uma profanação.

Era o coveiro, que me dizia: “a enxada já topou com os ossos.”

Esta nova, comunicada friamente pelo coveiro, alvoroçou-me, e coou-me nas veias não sei que terror semelhante ao do sacrílego, que não tem ainda bastante barbarizada a alma pelo crime, e vacila, horrorizado de si próprio, quando atira ao pavimento do altar as hóstias contidas no cálix, que rouba.

Aqueles ossos, aquele meu tesouro, ambicionado há três anos, tinham agora para mim uma superstição, um cunho sagrado, que me fazia na alma não sei que pesar semelhante ao remorso.

Cheguei ainda a proferir a primeira palavra do coração, que se arrependera. Quis deixar intactas aquelas cinzas. Lutei comigo para vencer um excesso de medo, um abuso, talvez, da imaginação. Não pude; mas não pude também retirar-me sem uma relíquia, um ser sem alma, uma recordação para as lágrimas, e uma glória só minha neste mundo... a glória de possuir na morte uma companhia que tivesse sido incentivo de lágrimas, já que não pude conseguir como companheira na vida essa preciosa existência, que me espera há sessenta e seis anos na eternidade.

Eis-aqui a relíquia, a testemunha imóvel, terrível, e silenciosa dos longos sofrimentos de um homem, que atravessou uma longa existência, sem conciliar com os prazeres do mundo a eterna viuvez da sua alma!

Eis-aqui a caveira de Marta que eu revisto a cada instante das feições com que a vi partir deste mundo. Há ali naquelas órbitas uns olhos que me veem... olhos mais penetrantes que os da vida, porque, nos sonhos angustiosos desta paixão desastrada, eu vejo sempre esta caveira, animada umas vezes do gracioso riso da inocência, outras vezes das contorções frenéticas da desesperação... Há ali naqueles ossos, onde os lábios articulavam hinos dos anjos, uns lábios que, a cada instante, me balbuciam um perdão... E tenho momentos de inferno nas minhas dolorosas contemplações, aqui diante desta redoma... às vezes juraria que essa caveira estremece em convulsões rancorosas contra mim, balbuciando o nome do homem, que a levou consigo à sepultura!... Então... sinto-me demente, porque tenho ciúmes do nada... ciúmes destas cinzas esquecidas no mundo... ciúmes da memória doutras cinzas, que, há três quartos de século, esperam o dia final... É lamentável a situação deste pobre velho, que não pôde

roubar-se a uma agonia, das que o mundo reputa quimeras, não é assim?

Deixe-me agora dizer-lhe o meu segredo, que esse ainda eu lho não disse, nem lho diria, se lhe não acreditasse umas lágrimas que lhe vejo nos olhos.

Eu creio em Deus, como creio na vida. Creio na vida como creio na dor. O que eu não creio é na morte. A morte é uma palavra convencional, com que os homens explicam a passagem de sobre a terra para o seio de uma nova existência. A imortalidade é uma ideia abstrata de tudo que é compreensível aos homens. O homem não explica a imortalidade, em quanto não sobe um grau na escala dos seres inteligentes. Veja se me compreende... Há uma escala de seres que principia na matéria bruta, e termina nos espíritos. As funções do espírito, sem formas corpóreas, pertencem à criatura, superior ao homem. Ora, o homem não explica essas funções, que devem ser a sua futura existência, pela mesma razão que o animal, inferior ao homem, não compreende as funções do pensamento aperfeiçoadas, mas não perfeitas, no homem. Todos os seres, por tanto, vão subindo na escala da inteligência. Todos se transfiguram de forma em forma até deixarem na terra o invólucro da matéria, e vagarem nos espaços incógnitos como vagam os espíritos. É lá em cima, nas proximidades do grande mistério, ao clarão da eterna luz, que se lê o livro de Deus. É nas regiões, que a minha alma adivinha, que eu devo sentir pelo órgão espiritual em que recebi a interminável impressão de agonia, que foi na terra a minha lenta peregrinação. O amor ardente e sublime não é um atributo do espírito? Aquele que muito ama, e muito devorado morre de paixões grandes e ideais, não é um profeta da vida futura, uma preexistência do futuro amor? A não ser o amor, qual será a existência do espírito?

Conheço que o fatiguei... Pois, em verdade, lhe digo que quis elevar o seu espírito à altura das minhas grandes doutrinas, do meu querido segredo. Quis convencê-lo, não digo bem, quis entusiasamá-lo por essa eternidade em que aí se fala, despida de afetos, de poesia, de esperanças, e... deixe-me dizer-lhe... indigna de Deus e dos homens...

Meu amigo, há na minha vida um oásis. Tenho exaltações de júbilo, aqui, neste quarto, onde conto, há perto de setenta anos, os minutos da minha existência. Este gozo é a minha convicção na imortalidade... É a minha esperança, confirmada pela meditação e pela ciência, de que hei de encontrar essa alma, que tem vindo aqui revelar-me os segredos do céu...

Basta... Seja digno da minha confiança... Não diga às turbas de Vila Real os segredos de D. João de Noronha. Aqui escarnecem-se os que sofrem, logo que não sofrem pelas más colheitas do vinho, ou pela barateza dos cereais. Não fale a linguagem dos espíritos, onde a matéria organizada dispõe do maquinismo da boca para lhe dar uma gargalhada em resposta."

D. João de Noronha despediu-me.

Desde esse dia foram mais da alma e da inteligência as nossas comunicações. Aprendi com ele a ciência do espiritualismo. Se depois me materializei, é porque a faísca daquele gênio não me tinha abrasado mais que a superfície da matéria. O espírito tem a força dos imponderáveis. A força da matéria pode muito bem calcular-se pela força dos vapores... *tantos cavalos*.

Pergunta-me uma senhora de crítica muito fina:

— Como se explica o casamento de D. João de Noronha aos 86 anos de idade, com uma donzela sua contemporânea?!

— De uma maneira muito simples. As núpcias de D. João não podem considerar-se físicas nem morais. “Absurdo! — replica a espirituosa dama.” Está enganada, minha senhora. D. João tinha uma pequena fortuna, e queria deixá-la a uma criada, que o servira desveladamente toda a sua vida. D. João encarava filosoficamente as fórmulas sacramentais do casamento. Achava-o utilíssimo como carimbo de contrato civil. Casou-se para recompensar uma criada que lhe consolou muitas lágrimas, e lhe enxugou nas faces mortas as últimas que ele chorou. Era digna do sacrifício. Poucos dias suportou a viuvez.

— E a caveira? — perguntou ainda a amável síndica dos meus romances.

— A caveira deve estar confundida nos ossos de D. João de Noronha. A viúva cumpriu religiosamente as suas ordens: envolveu-a na mesma mortalha.

BIOGRAFIA

Camilo Castelo Branco nasceu em Lisboa, no Largo do Carmo, a 16 de Março de 1825. Oriundo de uma família da aristocracia de província com distante ascendência cristã-nova, era filho de Manuel Joaquim Botelho Castelo Branco, nascido na casa dos Correia Botelho em São Dinis, Vila Real, a 17 de Agosto de 1778, e que teve uma vida errante entre Vila Real, Viseu e Lisboa, onde faleceu a 22 de Dezembro de 1890, tomado de amores por Jacinta Rosa do Espírito Santo Ferreira.

Camilo foi assim perfilhado por seu pai em 1829, como “filho de mãe incógnita”. Ficou órfão de mãe quando tinha um ano de idade e de pai aos dez anos, o que lhe criou um carácter de eterna insatisfação com a vida. Foi recolhido por uma tia de Vila Real e, depois, por uma irmã mais velha, Carolina Rita Botelho Castelo Branco, nascida em Lisboa, Socorro, a 24 de Março de 1821, em Vilarinho de Samardã, em 1839, recebendo uma educação irregular através de dois Padres de província.

Na adolescência, formou-se lendo os clássicos portugueses e latinos e literatura eclesiástica e contatando a vida ao ar livre transmontana.

Com apenas 16 anos (18 de Agosto de 1841), casa-se em Ribeira de Pena, Salvador, com Joaquina Pereira de França (Gondomar, São Cosme, 23 de Novembro de 1826 - Ribeira de Pena, Friúme, 25 de Setembro de 1847), filha de lavradores, Sebastião Martins dos Santos, de Gondomar, São Cosme, e Maria Pereira de França, e instala-se em Friúme. O casamento precoce parece ter resultado de uma mera paixão juvenil e não resistiu muito tempo. No ano seguinte, prepara-se para ingressar na universidade, indo estudar com o Padre Manuel da Lixa, em Granja Velha.

O seu carácter instável, irrequieto e irreverente leva-o a amores tumultuosos (Patrícia Emília do Carmo de Barros (Vila Real, 1826 - 15 de Fevereiro de 1885), filha de Luís Moreira da Fonseca e de sua mulher Maria José Rodrigues, e a Freira Isabel Cândida).

Ainda a viver com Patrícia Emília do Carmo de Barros, Camilo publicou n'O Nacional correspondências contra José Cabral Teixeira de Morais, Governador Civil de Vila Real, com quem colaborava como amanuense.

Esse posto, segundo alguns biógrafos, surge a convite após a sua participação na Revolta da Maria da Fonte, em 1846, em que terá combatido ao lado da guerrilha Miguelista.

Devido a esta desavença, é espancado pelo “Olhos-de-Boi”, capanga do Governador Civil.

As suas irreverentes correspondências jornalísticas valeram-lhe, em 1848, nova agressão a cargo de Caçadores.

Camilo abandona Patrícia nesse mesmo ano, fugindo para casa da irmã, residente agora em Covas do Douro.

Tenta então, no Porto, o curso de Medicina, que não conclui, optando depois por Direito. A partir de 1848, faz uma vida de boêmia repleta de paixões, repartindo o seu tempo entre os cafés e os salões burgueses e dedicando-se entretanto ao jornalismo. Em 1850, toma parte na polémica entre Alexandre Herculano e o clero, publicando o opúsculo O Clero e o Sr. Alexandre Herculano, defesa que desagradou a Herculano.

Apaixona-se por Ana Augusta Vieira Plácido e, quando esta se casa, em 1850, tem uma crise de misticismo, chegando a frequentar o seminário, que abandona em 1852.

Ana Plácido tornara-se mulher do negociante Manuel Pinheiro Alves, um brasileiro que o inspira como personagem em algumas das suas novelas, muitas vezes com caráter depreciativo. Camilo seduz e rapta Ana Plácido. Depois de algum tempo a monte, são capturados e julgados pelas autoridades. Naquela época, o caso emocionou a opinião pública, pelo seu conteúdo tipicamente romântico de amor contrariado, à revelia das convenções e imposições sociais. Foram ambos enviados para a Cadeia da Relação, no Porto, onde Camilo conheceu e fez amizade com o famoso salteador Zé do Telhado. Com base nesta experiência, escreveu Memórias do Cárcere. Depois de absolvidos do crime de adultério pelo Juiz José Maria de Almeida Teixeira de Queirós (pai de José Maria de Eça de Queirós), Camilo e Ana Plácido passaram a viver juntos, contando ele 38 anos de idade.

Entretanto, Ana Plácido tem um filho, supostamente gerado pelo seu antigo marido, que foi seguido por mais dois de Camilo. Com uma família tão numerosa para sustentar, Camilo começa a escrever a um ritmo alucinante.

Quando o ex-marido de Ana Plácido falece, a 15 de Julho de 1863, o casal vai viver para uma casa, em São Miguel de Seide, que o filho do comerciante recebera por herança do pai.

Em Fevereiro de 1869, recebeu do governo da Espanha a comenda de Carlos III.

Em 1870, devido a problemas de saúde, Camilo vai viver para Vila do Conde, onde se mantém até 1871. Foi aí que escreveu a peça de teatro “O Condenado” (representada no Porto em 1871), bem como inúmeros poemas, crônicas, artigos de opinião e traduções.

Outras obras de Camilo estão associadas a Vila do Conde. Na obra “A Filha do Arcediago”, relata a passagem de uma noite do arcediago, com um exército, numa estalagem conhecida por Estalagem das Pulgas, outrora pertencente ao Mosteiro de São Simão da Junqueira e situada no lugar de Casal de Pedro, freguesia da Junqueira. Camilo dedicou ainda o romance “A Enjeitada” a um ilustre vilacondense seu conhecido, o Dr. Manuel Costa.

Entre 1873 e 1890, Camilo deslocou-se regularmente à vizinha Póvoa de Varzim, perdendo-se no jogo e escrevendo parte da sua obra no antigo Hotel Luso-Brazileiro, junto do Largo do Café Chinês. Reunia-se com personalidades de notoriedade intelectual e social, como o pai de Eça de Queirós, José Maria de Almeida Teixeira de Queirós, magistrado e Par do Reino, o poeta e dramaturgo poveiro Francisco Gomes de Amorim, Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Antônio Feliciano de Castilho, entre outros. Sempre que vinha à Póvoa, convivia regularmente com o Visconde de Azevedo no Solar dos Carneiros.

Francisco Peixoto de Bourbon conta que Camilo, na Póvoa, “tendo andado metido com uma bailarina espanhola, cheia de salero, e tendo gasto, com a manutenção da diva, mais do que permitiam as suas posses, acabou por recorrer ao jogo na esperança de multiplicar o anêmico pecúlio e acabou, como é de regra, por tudo perder e haver contraído uma dívida de jogo, que então se chamava uma dívida de honra.

A 17 de Setembro de 1877, Camilo viu morrer na Póvoa de Varzim, aos 19 anos, o seu filho predileto, Manuel Plácido Pinheiro Alves, do segundo casamento com Ana Plácido, que foi sepultado no cemitério do Largo das Dores.

Camilo era conhecido pelo mau feitio. Na Póvoa mostrou outro lado. Conta Antônio Cabral, nas páginas d' “O Primeiro de Janeiro” de 3 de junho de 1890: “No mesmo hotel em que estava Camilo, achava-se um medíocre pintor espanhol, que perdera no jogo da roleta o dinheiro que levava. Havia três semanas que o pintor não pagava a conta do hotel, e a dona, uma tal Ernestina, ex-atriz, pouco satisfeita com o procedimento do hóspede, escolheu um dia a hora do jantar para o despedir, explicando ali, sem nenhum gênero de reservas, o motivo que a obrigava a proceder assim. Camilo ouviu o mandado de despejo, brutalmente dirigido ao pintor. Quando a inflexível hospedeira acabou de falar, levantou-se, no meio dos outros hóspedes, e disse: - A D. Ernestina é injusta. Eu trouxe do Porto cem mil reis que me mandaram entregar a esse senhor e ainda não o tinha feito por esquecimento. Desempenho-me agora da minha missão. E,

puxando por cem mil reis em notas entregou-as ao pintor. O Espanhol, surpreendido com aquela intervenção que estava longe de esperar, não achou uma palavra para responder. Duas lágrimas, porém, lhe deslizaram silenciosas pelas faces, como única demonstração de reconhecimento.”

Em 1885 é-lhe concedido o título de 1.º Visconde de Correia Botelho. A 9 de Março de 1888, casa-se finalmente com Ana Plácido.

Camilo passa os últimos anos da vida ao lado dela, não encontrando a estabilidade emocional por que ansiava. As dificuldades financeiras, a doença e os filhos incapazes (considera Nuno um desatinado e Jorge um louco), dão-lhe enormes preocupações.

Desde 1865 que Camilo começara a sofrer de graves problemas visuais (diplopia e cegueira noturna). Era um dos sintomas da temida neurosífilis, o estado terciário da sífilis ("venéreo inveterado", como escreveu em 1866 a José Barbosa e Silva), que além de outros problemas neurológicos lhe provocava uma cegueira, afeitivamente progressiva e crescente, que lhe ia atrofiando o nervo óptico, impedindo-o de ler e de trabalhar capazmente, mergulhando-o cada vez mais nas trevas e num desespero suicidário. Ao longo dos anos, Camilo consultou os melhores especialistas em busca de uma cura, mas em vão. A 21 de Maio de 1890, dita esta carta ao então famoso oftalmologista aveirense, Dr. Edmundo de Magalhães Machado:

Illmo. e Exmo. Sr.,

Sou o cadáver representante de um nome que teve alguma reputação gloriosa n’este país durante 40 anos de trabalho. Chamo-me Camilo Castelo Branco e estou cego. Ainda há quinze dias podia ver cingir-se a um dedo das minhas mãos uma flâmula escarlate. Depois, sobreveio uma forte oftalmia que me alastrou as córneas de tarjas sanguíneas. Há poucas horas ouvi ler no Comércio do Porto o nome de V. Exa. Senti na alma uma extraordinária vibração de esperança. Poderá V. Exa. salvar-me? Se eu pudesse, se uma quase paralisia me não tivesse acorrentado a uma cadeira, iria procurá-lo. Não posso. Mas poderá V. Exa. dizer-me o que devo esperar d’esta irrupção sanguínea n’uns olhos em que não havia até há pouco uma gota de sangue? Digne-se V. Exa. perdoar à infelicidade estas perguntas feitas tão sem cerimônia por um homem que não conhece.

A 1 de Junho desse ano, o Dr. Magalhães Machado visita o escritor em Seide. Depois de lhe examinar os olhos condenados, o médico com alguma diplomacia, recomenda-lhe o descanso numas termas e depois, mais tarde, talvez se poderia falar num eventual tratamento. Quando Ana Plácido acompanhava o médico até à porta, eram três horas e um quarto da tarde, sentado na sua cadeira de balanço, desenganado e completamente desalentado, Camilo Castelo Branco disparou um tiro de revólver na têmpora direita. Mesmo assim,

sobreviveu em coma agonizante até às cinco da tarde. A 3 de Junho, às seis da tarde, o seu cadáver chegava de comboio ao Porto e no dia seguinte, conforme o seu pedido, foi sepultado perpetuamente no jazigo de um amigo, João Antônio de Freitas Fortuna, no cemitério da Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa.

São suas principais obras: Anátema (1851), Mistérios de Lisboa (1854), A Filha do Arcediago (1854), Livro negro do Padre Dinis (1855), A Neta do Arcediago (1856), Onde Está a Felicidade? (1856), Um Homem de Brios (1856), O Sarcófago de Inês (1856), Lágrimas Abençoadas (1857), Cenas da Foz (1857), Carlota Ângela (1858), Vingança (1858), O Que Fazem Mulheres (1858), O Morgado de Fafe em Lisboa (Teatro, 1861), Doze Casamentos Felizes (1861), O Romance de um Homem Rico (1861), As Três Irmãs (1862), Amor de Perdição (1862), Memórias do Cárcere (1862), Coisas Espantosas (1862), Coração, Cabeça e Estômago (1862), Estrelas Funestas (1862), Cenas Contemporâneas (1862), Anos de Prosa (1863), A Gratidão (incluído no volume Anos de Prosa), O Arrependimento (incluído no volume Anos de Prosa), Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado (1863), O Bem e o Mal (1863), Estrelas Propícias (1863), Memórias de Guilherme do Amaral (1863), Agulha em Palheiro (1863), Amor de Salvação (1864), A Filha do Doutor Negro (1864), Vinte Horas de Liteira (1864), O Esqueleto (1865), A Sereia (1865), A Enjeitada (1866), O Judeu (1866), O Olho de Vidro (1866), A Queda dum Anjo (1866), O Santo da Montanha (1866), A Bruxa do Monte Córdova (1867), A doida do Candal (1867), Os Mistérios de Fafe (1868), O Retrato de Ricardina (1868), Os Brilhantes do Brasileiro (1869), A Mulher Fatal (1870), Livro de Consolação (1872), A Infanta Capelista (1872), (conhecem-se apenas 3 exemplares deste romance porque D. Pedro II, imperador do Brasil, pediu a Camilo para não o publicar, uma vez que versava sobre um familiar da Família Real Portuguesa e da Família Imperial Brasileira), O Carrasco de Victor Hugo José Alves (1872), O Regicida (1874), A Filha do Regicida (1875), A Caveira da Mártir (1876), Novelas do Minho (1875-1877), A viúva do enforcado (1877), Eusébio Macário (1879), A Corja (1880), A senhora Rattazzi (1880), A Brasileira de Prazins (1882), O vinho do Porto (1884), Vulcões de Lama (1886), O clero e o sr. Alexandre Herculano (1850).

*Wikipédia
Janeiro, 2014*